
Temperamento de crianças em idade pré-escolar

Temperament of preschool children

Beatriz Schmidt*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Carina Nunes Bossardi**

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lauren Beltrão Gomes***

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Maria Aparecida Crepaldi****

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Mauro Luis Vieira*****

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

1 Introdução

Associam-se ao risco de desenvolvimento de psicopatologias algumas características da pessoa, como o temperamento, que consiste em uma importante variável individual que interage com variáveis ambientais e influencia trajetórias desenvolvimentais de crianças, relacionando-se a desfechos adaptativos ou desadaptativos (KLEIN; LINHARES, 2010). O temperamento é compreendido como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e na autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção, sendo influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. A reatividade é definida como característica de responsividade individual a mudanças de estimulação e por meio de parâmetros de latência, tempo de aumento, intensidade máxima e tempo de recuperação da reação. A autorregulação consiste em processos que modulam a reatividade, incluindo aproximação/retraimento comportamental, controle inibitório e de atenção (ROTHBART, 2004; KLEIN; LINHARES, 2010). O temperamento é composto por três fatores: (1) *extroversão*, caracterizado pelas dimensões *impulsividade*, *prazer de alta*

intensidade, nível de atividade e timidez; (2) afeto negativo, definido pelas dimensões *tristeza, medo, raiva, desconforto e capacidade de se acalmar*; (3) *controle com esforço*, que diz respeito às dimensões *controle inibitório, focalização de atenção, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual* (ZENTNER; BATES, 2008).

O *afeto negativo* e a *extroversão* estão associados à reatividade e aparecem desde as fases mais primeiras do desenvolvimento, podendo ser observados com clareza já nos primeiros meses de idade da criança. O *controle com esforço*, em contrapartida, associa-se à autorregulação e começa a se delinear no final do primeiro ano, tornando-se progressivamente mais sofisticado e organizado à medida que a criança se aproxima da fase pré-escolar (HILL-SODERLUND; BRAUNGART-RIEKER, 2008). Sendo assim, apesar de apresentar uma relativa estabilidade temporal, o temperamento se desenvolve ao longo da trajetória de vida (ELSE-QUEST; HYDE; GOLDSMITH; VAN HULLE, 2006).

Estudos indicam que as características do temperamento estão associadas a desfechos desenvolvimentais nas crianças. Gunnar, Sebanc, Tout, Donzella e Van Dulmen (2003) identificaram que altos níveis de *extroversão* e o baixo *controle com esforço* estão associados positivamente à agressividade e, por consequência, à rejeição por pares em idade pré-escolar. Segundo Rothbart (2007), o baixo *controle com esforço* está associado ainda a problemas de externalização, enquanto o *medo* e a *timidez* se associam a problemas de internalização. As disposições temperamentais evocam reações em outras pessoas, o que faz aumentar ou diminuir o risco para psicopatologia; ademais, elas influenciam ainda a forma, o curso e a recorrência de desordens psicológicas (ROTHBART, 2004).

Considerando-se a relevância das diferenças individuais na trajetória de desenvolvimento infantil, o presente trabalho teve como objetivo caracterizar o temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. Este estudo se insere no âmbito de um projeto de pesquisa mais abrangente, intitulado "*A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos*". Tal projeto vem sendo desenvolvido, desde o ano de 2009, por pesquisadores brasileiros vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com o Canadá, mais especificamente a Universidade de Montreal e a Universidade do Québec em Montreal.

2 Método

2.1 Participantes

A amostra, constituída por conveniência, foi composta por 104 famílias biparentais. As 104 crianças focais (47 do sexo feminino e 57 do sexo masculino) tinham idade entre quatro e seis anos, frequentando a pré-escola no momento da coleta de dados. Ressalta-se que tais crianças não haviam sido previamente identificadas por apresentar problemas de desenvolvimento ou potencial de risco para tanto (amostra populacional), já que o estudo intencionou compreender o temperamento em relação aos processos desenvolvimentais normativos ou típicos.

2.2 Instrumento

O temperamento infantil foi avaliado com base nas respostas de pai e de mãe à *very short form* do *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ). Tal instrumento, desenvolvido por Putnam e Rothbart (2006), contempla questões referentes às reações infantis em diferentes situações. Trata-se de uma escala de sete pontos, que varia de 1 (*totalmente falsa*) a 7 (*totalmente verdadeira*), além do item "*não se aplica*". O CBQ é composto por três sub-escalas: *extroversão* (12 itens; α 0,75), *afeto negativo* (12 itens; α 0,72) e *controle com esforço* (12 itens; α 0,74).

2.3 Procedimentos de coleta de dados

Foram enviadas cartas-convite às famílias, por intermédio de 23 instituições de educação infantil localizadas em um Estado da região sul do Brasil. A coleta de dados ocorreu nas residências dos participantes.

2.4 Procedimentos éticos

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (Certificado nº 520/2009).

2.5 Procedimentos de análise dos dados

Os dados obtidos foram tabulados e submetidos a análises estatísticas mediante a utilização do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 18.0. Adotou-se tratamento estatístico não paramétrico, vez que nem todas as variáveis obedeceram à distribuição normal, o que foi identificado com a aplicação do teste Kolmogorov-Smirnov.

3 Resultados e discussão

No fator *extroversão*, a média obtida com as respostas das mães ao CBO¹ foi 4,74 (DP=±0,95) e dos pais foi 4,82 (DP=±0,73). Sendo assim, mãe e pai apontaram, em média, como nem verdadeira nem falsa (4), ou como razoavelmente verdadeira (5) para o seu filho, situações tais quais: parece estar sempre com muita pressa para ir de um lugar ao outro (*nível de atividade*); gosta de descer em escorregadores altos ou de outras atividades de aventura (*prazer de alta intensidade*); parece estar à vontade com quase todas as pessoas (*timidez*); frequentemente entra rapidamente em novas situações (*impulsividade*).

No que diz respeito ao *afeto negativo*, as médias das respostas maternas (M=4,98; DP=±0,91) e paternas (M=4,98; DP=±0,91) indicam como nem verdadeiras nem falsas (4), ou como razoavelmente verdadeiras (5), as seguintes reações da criança: fica muito frustrada quando não lhe deixam fazer algo que quer (*raiva*); fica muito incomodada com um machucado ou corte pequeno (*desconforto*); tende a ficar triste se os planos da família não dão certo (*tristeza*); tem medo de ladrões ou do “bicho-papão” (*medo*); quando está zangada com alguma coisa, tende a ficar aborrecida por dez minutos ou mais (*capacidade de se acalmar*).

O fator que recebeu os maiores escores médios nas crianças focais foi o *controle com esforço*. Desse modo, mães (M=5,74; DP=±0,67) e pais (M=5,63; DP=±0,63) consideram, em média, como razoavelmente verdadeiro (5) e bastante verdadeiro (6) que sua criança fica muito concentrada quando está desenhando ou pintando em um livro (*focalização de atenção*), que ela segue instruções (*controle inibitório*), que gosta de atividades rítmicas suaves, como se balançar (*prazer de baixa intensidade*) e que comenta quando um dos pais muda a aparência (*sensibilidade perceptual*). Crianças com altos níveis de *controle com esforço* apresentam estratégias de enfrentamento mais adaptativas em situações ansiogênicas, demonstrando um sofisticado nível de regulação emocional (CRAWFORD; SCHROCK; WOODRUFF-BORDEN, 2011). Assim, altos escores nesse fator estão relacionados a melhores desfechos desenvolvimentais nos âmbitos afetivo e social (KLEIN; LINHARES, 2010). Considera-se, portanto, que os altos escores médios (>5) em *controle com esforço* no grupo de crianças avaliado se constituem em um fator de proteção ao desenvolvimento infantil.

O teste Mann-Whitney foi aplicado às médias maternas e paternas obtidas nos três fatores do CBO, revelando que não há diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos cônjuges, o que indica que eles concordam com relação às características de *extroversão*, *afeto negativo* e *controle com esforço* da sua criança. Tais achados são congruentes com Putnam e Rothbart (2006), uma

vez que esses autores, no artigo que aborda o processo de desenvolvimento da *very short form* do CBQ, apontam para o bom grau de concordância entre mãe e pai no que concerne ao temperamento da criança focal.

Com o objetivo de investigar diferenças nos fatores do temperamento em virtude das distintas idades, utilizou-se o teste Kruskal-Wallis. As crianças foram divididas em três grupos de análise por faixa etária (quatro, cinco e seis anos). Foram constatadas diferenças nas respostas das mães sobre *controle com esforço* ($\chi^2=10,99$; $p<0,01$). As médias obtidas por intermédio das respostas maternas ao fator *controle com esforço* foram progressivamente maiores, de acordo com a idade das crianças. Assim, a média do referido fator foi 5,51 (DP=0,65) nas crianças com quatro anos; 5,86 (DP=0,61) nas crianças com cinco anos; e 6,13 (DP=0,76) nas crianças com seis anos.

Esse resultado é compatível com dados da literatura, uma vez que, embora o temperamento seja relativamente estável ao longo do tempo, o processo de desenvolvimento influencia o modo como ele se apresenta (ELSE-QUEST et al., 2006). Nesse sentido, é natural que o *controle com esforço* seja maior em crianças de seis anos em comparação às crianças com menor idade, vez que tal fator tende a ficar mais sofisticado e organizado com o passar do tempo (HILL-SODERLUND; BRAUNGART-RIEKER, 2008). Apesar da origem constitucional do *controle com esforço*, o desenvolvimento desse fator faz parte do processo de socialização, durante o qual as crianças podem aprender a controlar seus impulsos comportamentais e emocionais, apresentando reações e comportamentos mais aceitos socialmente (KARREMAN; VAN TUIJL; VAN AKEN; DEKOVIC, 2008).

4 Considerações finais

Em síntese, identificou-se que o *controle com esforço* recebeu os maiores escores médios no grupo avaliado, constituindo-se, portanto, em um fator de proteção ao desenvolvimento das crianças focais. Os fatores *extroversão* e *afeto negativo* se caracterizaram como nem verdadeiros nem falsos, ou razoavelmente verdadeiros, de acordo com as respostas maternas e paternas. Não foram identificadas diferenças significativas entre as médias dos três fatores respondidos pelas mulheres e pelos homens, sugerindo que ambos concordam quanto ao temperamento dos filhos. Outrossim, identificou-se ainda que as médias de *controle com esforço* foram progressivamente maiores de acordo com a idade das crianças focais, o que é compatível com achados da literatura.

Enfatiza-se que, por intermédio da identificação das disposições temperamentais infantis, o profissional de saúde mental pode intervir

preventivamente, assumindo um papel de orientação aos cuidadores, auxiliando-os no processo de compreensão das diferenças individuais e dando suporte para que aprendam como manejá-las. Espera-se, com base nessas orientações, um aumento da responsividade e da sensibilidade dos cuidadores no processo de interação com as crianças, o que atua como fator de proteção à saúde mental infantil (KLEIN, 2009). Nesse sentido, destaca-se a importância de se considerar as diferenças individuais do temperamento na prática profissional, haja vista que pesquisas sobre temperamento e psicopatologia, embora recentes, revelam correlação positiva entre os dois fenômenos (PUTNAM; ROTHBART, 2006).

Referências

- CRAWFORD, N. A.; SCHROCK, M.; WOODRUFF-BORDEN, J. Child internalizing symptoms: contributions of child temperament, maternal negative affect, and family functioning. **Child Psychiatry Human Development**, Nova Iorque, v. 42, p. 53-64, 2011.
- ELSE-QUEST, N. M.; HYDE, J. S.; GOLDSMITH, H. H.; VAN HULLE, C. A. Gender differences in temperament: a meta-analysis. **Psychological Bulletin**, Berkeley, v. 132, n. 1, p. 33-72, 2006.
- GUNNAR, M. R.; SEBANC, A. M.; TOUT, K.; DONZELLA, B.; VAN DULMEN, M. M. H. Peer rejection, temperament and cortisol activity in preschoolers. **Developmental Psychobiology**, Malden, v. 43, n. 4, p. 346-358, 2003.
- HILL-SODERLUND, A. L.; BRAUNGART-REIKER, J. M. Early individual differences in temperamental reactivity and regulation: implications for effortful control in early childhood. **Infant Behavior & Development**, Amsterdã, v. 31, p. 386-397, 2008.
- KARREMAN, A.; VAN TUIJL, C.; VAN AKEN, M. A. G.; DEKOVIC, M. Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 22, n. 1, p. 30-40, 2008.
- KLEIN, V. C. **Reatividade à dor, temperamento e comportamento na trajetória de desenvolvimento de neonatos pré-termo até a fase pré-escolar**. 2009. 240 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Programa Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo, 2009.
- KLEIN, V. C.; LINHARES, M. B. M. Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 821-829, 2010.
- PUTNAM, S. P.; ROTHBART, M. K. Development of short and very short forms of the children's behavior questionnaire. **Journal of Personality Assessment**, Londres, v. 87, n. 1, p. 103-113, 2006.
- ROTHBART, M. K. Commentary: differentiated measures of temperament and multiple pathways to child disorders. **Journal of**

Clinical Child and Adolescent Psychology, Londres, v. 33, n. 1, p. 82-87, 2004.

ROTHBART, M. K. Temperament, development, and personality. **Current Directions in Psychological Science**, Londres, v. 16, n. 4, p. 207-212, 2007.

ZENTNER, M.; BATES, J. Child temperament: an integrative review of concepts, research programs, and measures. **European Journal of Developmental Science**, Landsdale, v. 2, n. 1/2, p. 7-37, 2008.

Endereço para correspondência

Beatriz Schmidt

Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário, Trindade. CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço eletrônico: psi.beatriz@gmail.com

Carina Nunes Bossardi

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário, Trindade. CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço eletrônico: carinabossard@yahoo.com.br

Lauren Beltrão Gomes

Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário, Trindade. CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço eletrônico: laurenbeltrao@yahoo.com.br

Maria Aparecida Crepaldi

Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário, Trindade. CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço eletrônico: maria.crepaldi@gmail.com

Mauro Luis Vieira

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário, Trindade. CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço eletrônico: maurolvieira@gmail.com

Recebido em: 16/05/2012

Aceito para publicação em: 05/07/2012

Acompanhamento do processo editorial: Adriana Benevides Soares

Notas

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Psicóloga; Especialista em Saúde da Família.

** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Psicóloga; Especialista em Intervenções Psicossociais.

*** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Psicóloga; Especialista em Saúde da Família.

**** Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica; Doutora em Saúde Mental.

***** Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Psicólogo; Mestre em Psicologia Experimental; Doutor em Psicologia Experimental.

¹ Os escores do CBQ variam de 1 a 7.